

PROPOSTA DE REDAÇÃO 1 – ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA OBRIGATÓRIA: CONTRA-ARGUMENTAÇÃO



TEXTO 1

Os cortes na Capes e o futuro da pesquisa científica no Brasil

Alerta de que uma das principais entidades de fomento à pesquisa no país pode cortar bolsas joga luz sobre os problemas enfrentados pelos pesquisadores e mostra na prática os possíveis efeitos da Lei do Teto de Gastos.

O anúncio caiu como uma bomba na comunidade científica brasileira: ao menos 93 mil bolsas de pesquisadores e pós-graduandos e outras 105 mil de profissionais da educação poderão ser cortadas a partir de agosto de 2019,

agravando ainda mais o cenário de crise atravessado pelas áreas de ciência, tecnologia e inovação no país.

O alerta feito na semana passada pelo presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (Capes), Abílio Baeta Neves, instigou protestos nas ruas e nas redes sociais e reacendeu o debate sobre o impacto da emenda constitucional que instituiu um teto de gastos pelos próximos 20 anos. "Os impactos serão graves para os programas de fomento da agência", declarou o presidente da Capes. <https://www.dw.com/pt-br/os-cortes-na-capes-e-o-futuro-da-pesquisa-cientifica-no-brasil/a-44992136>

TEXTO 2

Só instituições públicas fazem pesquisa no Brasil, afirma organização

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) divulgou, no dia 17, relatório produzido pela empresa estadunidense Clarivate Analytics – ligada à multinacional Thomson Reuters - sobre a pesquisa científica no Brasil entre 2011 e 2016. Destacam-se no relatório três conclusões: praticamente só há produção de pesquisa científica em universidades públicas, há pouco impacto internacional na produção científica brasileira e apenas a Petrobras e indústrias farmacêuticas realizam investimento relevante nessa área no país.



Epitácio Macário, 3º tesoureiro e um dos coordenadores do Grupo de Trabalho de Ciência e Tecnologia (GTCT) do ANDES-SN, ressalta que as políticas de ajuste fiscal do governo brasileiro vão na contramão da pesquisa científica de qualidade. “A predominância absoluta das universidades públicas na produção de Ciência e Tecnologia (C&T) no Brasil deveria implicar em maior investimento no setor e não no corte de orçamento, que é o que vêm fazendo os últimos governos. É também um dos fatores ligados ao custo das instituições públicas que procuram manter o tripé ensino, pesquisa e extensão. Nas instituições privadas o que se tem é apenas ensino, muitas vezes de qualidade duvidosa. Mais um motivo para enfrentar o falacioso relatório do Banco Mundial, que defende a diminuição de investimentos estatais e o aprofundamento da privatização das universidades públicas brasileiras”, afirma, ressaltando a importância do regime de trabalho de Dedicção Exclusiva como fundamental para que os docentes possam desenvolver com qualidade o tripé ensino, pesquisa e extensão.

Impacto internacional

Quantitativamente, o Brasil produziu nesse período cerca de 250 mil papers que foram enviados à base de dados internacional Web of Science, números próximos à Holanda (242 mil), mas muito inferiores a países como EUA (2,5 milhões), China (1,4 milhão) e Reino Unido (740 mil).

Epitácio Macário pondera sobre o caráter gerencialista de uma avaliação baseada somente no número de publicações. “A avaliação baseada somente no número de papers publicados internacionalmente é insatisfatória, faz parte de um modelo gerencialista que se tenta impor sobre as universidades públicas e é caudatária da dependência técnica, científica e cultural de países latino-americanos. A relevância social do conhecimento produzido fica às escondidas, enquanto é realçada apenas a quantidade de papers”, comenta o docente.

O Caderno 28 do ANDES-SN, que trata de Ciência e Tecnologia, também traz uma análise sobre o tema. “O modelo gerencialista de universidade impõe o produtivismo como instrumento e utiliza critérios como: número de publicações acadêmicas, número de publicações em língua estrangeira, número de citações etc. Esse conjunto de exigências e critérios é referendado pela Capes/CNPq, que, por sua vez, estão alinhados com as políticas do MEC e do MCTIC. Esses critérios resultam no enfraquecimento da diversidade da produção e veiculação do conhecimento em todas as áreas. Tal modelo inviabiliza o desenvolvimento de uma cultura acadêmico-científica brasileira. Isso fica evidente, por exemplo, na desqualificação de periódicos nacionais rotulados como irrelevantes. Assim, independente da função social, há uma gama de conhecimento que é produzido e não é valorizado”, afirma o Sindicato Nacional.

Quanto ao impacto da produção, que a Clarivate Analytics considera ser a citação da pesquisa em pesquisa posterior, o Brasil também está abaixo da média mundial e abaixo de outros países periféricos, como Argentina, México e África do Sul. Mesmo produzindo mais em quantidade, o Brasil tem índice de impacto (0,78) inferior ao mexicano (0,82) e ao argentino (0,92).

“Esse índice considera o quanto um paper é citado por outras pesquisas, deixando no escuro medidas de impacto social do conhecimento produzido. O ANDES-SN preconiza uma avaliação centrada, fundamentalmente, na relevância das pesquisas para a resolução de problemas da maioria da sociedade. O caráter social da ciência é realçado na proposta do ANDES-SN”, comenta Macário.

Entre as 30 universidades do mundo com maior impacto de pesquisa não há nenhuma brasileira, e apenas uma argentina: a Universidade de Buenos Aires. Todas as demais são ou europeias, ou da América do Norte ou da Austrália.

“Não é de se estranhar porque os países de capitalismo central desfrutam de amplas e melhores condições nos seus sistemas de produção de C&T, inclusive com importante participação das

empresas no financiamento. O lugar ocupado pelos países periféricos e semiperiféricos na divisão internacional do trabalho condiciona seu fraco desempenho no desenvolvimento de novos conhecimentos no plano mundial. O Caderno 28 do ANDES-SN demonstra que enquanto o Brasil investia em pesquisa e desenvolvimento algo em torno de 1,28% do seu PIB em 2015, os Estados Unidos investiam 2,79%, a Alemanha 2,93%, o Japão 3,29% e a Coreia do Sul 4,23%”, afirma o coordenador do GTCT do ANDES-SN.

Só universidades públicas produzem no Brasil

O relatório demonstra que praticamente não há produção científica em instituições privadas no Brasil. Entre as 20 instituições que mais produziram papers e que mais tiveram impacto estão 15 universidades federais e 5 universidades estaduais. A Universidade de São Paulo (USP), estadual, lidera a produção quantitativa, enquanto a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), também estadual, é a qual cuja produção tem maior impacto. O relatório mostra que as universidades públicas produzem artigos científicos altamente citados e que alcançaram boas taxas entre 1% dos papers mais citados do mundo. (Confira gráfico)

“O protagonismo das universidades públicas na produção de C&T deveria ser fortalecido, mas a Lei da Inovação (10.973/04) e o Marco Legal de CTI (13.243/16) defendem é o compartilhamento da infraestrutura existente, do pessoal e do patrimônio científico e tecnológico desenvolvido pelas instituições públicas com as empresas privadas”, critica o docente.

Quanto à produção por unidade federativa, o relatório deixa explícita a diferença regional na ciência. Os estados do Sul e do Sudeste dominam a produção, tanto quantitativa quanto qualitativa, e o primeiro estado do Nordeste a aparecer no ranking quantitativo é Pernambuco, em sétimo lugar. “É a forma da lei do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo se materializar dentro do país. De um lado, a inferioridade do Brasil em relação aos países centrais condicionada em grande medida por uma economia assentada na produção de bens primários, e, por outro, a infinita superioridade do Sudeste que expressa as desigualdades regionais brasileiras”, completa Macário.

Investimento privado

O relatório lista o investimento privado na pesquisa brasileira. Além da Petrobras, empresa estatal de economia mista, praticamente apenas indústrias farmacêuticas investem dinheiro na ciência brasileira, como Roche, Pfizer, Bayer e Johnson & Johnson. Há, ainda, pequeno investimento da IBM (tecnologia) e AT&T (telecomunicações). Os índices de participação da indústria na pesquisa científica brasileira (0,99%) são bastante inferiores aos de países como França, Alemanha, Argentina, Japão e Canadá (que vão de 3,5% a 2,2%), e se assemelham aos da Índia (0,69%) e da Rússia (0,69%).

“O protagonismo das empresas em Pesquisa e Desenvolvimento está ligado às características da formação do mercado interno. No caso brasileiro, as empresas estão muito mais interessadas na força de trabalho, nas matérias primas e recursos naturais adquiridos a preços muito baixos. Quando necessitam inovar, compram máquinas, equipamentos e insumos no mercado internacional, retroalimentando a dependência tecnológica e científica. Coube ao Estado o maior esforço de investimento em C&T e pesquisa e desenvolvimento até aqui”, conclui Epitácio Macário. *Com informações de Capes e Carta Campinas. Gráfico de Clarivate traduzido por Carta Campinas.01.02.2018*



Um cientista que também é um ser humano não deve descansar enquanto o conhecimento que pode reduzir o sofrimento repousa em uma estante.

(Albert Sabin)

Em seu texto dissertativo-argumentativo, trate do tema abordado nos textos acima, defendendo sua tese com argumentos consistentes, levando-se em consideração o contexto brasileiro. Selecione, organize e relacione ideias, fatos e opiniões sobre **A PESQUISA CIENTÍFICA NO BRASIL COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO NACIONAL**

NO ENEM, seu texto receberá nota zero se:

- 1) Fugir ao tema
- 2) Houver apenas cópia de textos motivadores/textos de apoio
- 3) O texto tiver menos de sete linhas
- 4) Não for feita uma dissertação argumentativa